

SACIANDO A SEDE

Data: 06/03/1977 – Ocasião: Convenções da Organização Sai – Local: Brindavam

As responsabilidades da Organização de *Seva* (*seva dhal* – serviço altruísta) são de uma elevadíssima ordem. Devem-se liderar os seus membros e, por meio deles, toda a humanidade, rumo ao esforço espiritual (*sadhana*) que leve o indivíduo da posição do “eu” para a posição do “nós”. Isso confere ao *seva* a importância que ele merece. Somente quem mergulha profundamente em seu significado pode compreendê-lo. Vocês devem sublimar todo trabalho como adoração e tentar preencher todos os momentos de suas vidas com essa perspectiva. Somente assim poderão justificar o fato de serem membros desta Organização.

O homem alcança a pureza de consciência pela atividade. Realmente, o homem deve recepcionar a atividade tendo em vista esse fim. E por que buscar uma consciência pura? Imaginem um poço com água poluída e lama, de tal maneira que o seu fundo não possa ser visto. Da mesma forma, dentro do coração do homem, bem lá no fundo, em sua consciência, está o Espírito Divino (*Atma*). Mas ele só pode ser conhecido quando a consciência é purificada. Suas conjecturas, inferências, julgamentos e preconceitos, suas paixões, emoções e desejos egoístas tornam sua mente enlameada e opaca. Como então você poderá estar consciente do *Atma*, que é sua própria base? Por meio do serviço altruísta (*seva*), executado sem qualquer desejo para satisfazer o ego e visando somente ao bem-estar dos outros, é possível limpar a consciência e ter o *Atma* revelado.

Ao realizar o serviço altruísta (*seva*), você serve a seu melhor interesse

Assim, para o bem de quem você realiza o *seva*? Você faz *seva* para o seu próprio bem. Engaja-se no *seva* para que se torne consciente do *Atma* em você, para que possa descartar os encantos de seu ego, para que conheça a si mesmo e obtenha a resposta para aquela questão que o atormenta: “Quem sou eu?” Você não serve aos outros, serve a si mesmo; não serve ao mundo, serve a seu próprio e melhor interesse.

Você pode perguntar: “Como é possível transcender o ego por meio do *seva*? Ao saturar o trabalho com amor, ele pode ser transformado em adoração. Quando o trabalho é oferecido a Deus, santifica-se em adoração sacramental (*puja*). Isso o torna livre do ego. Ele também fica livre do desejo terreno de sucesso e do medo terreno de fracasso. Você sente que, quando realiza o trabalho da melhor forma possível, sua adoração realizou-se. Cabe, então, Àquele que aceitou sua adoração, conferir-lhe o que Ele considerar como o melhor. Essa atitude tornará o trabalho desapegado (*nishkama*). A prática regular dessa disciplina tornará a consciência limpa e pura. Promoverá a consciência pura (*chitashudhi*). Sem esse equipamento essencial, como o homem poderá esperar escalar as alturas espirituais? Quase todos os grandes sábios do passado passaram os primeiros anos de suas vidas em práticas espirituais que lhes assegurariam uma consciência pura. Contudo, não importa quão promissor seja a sua carreira, quanto você possa ter acumulado de riquezas para uma vida confortável, nem quais sejam as alturas de autoridade que tenha escalado com o exercício de sua inteligência. Seus ganhos serão nulos, a menos que todas as atividades suas estejam embebidas com a pureza divina inerente na consciência.

Você é abençoado ou punido conforme seus próprios atos

Vou ilustrar esse ponto. Imagine um envelope postal comum. Sobre ele, escreva, em tinta dourada, o endereço de uma pessoa numa caligrafia bem artística. Insira uma carta belamente escrita, repleta de maravilhosos sentimentos e coloque-a, então, na caixa de correio. Que acontece com ela? Não se moverá sequer um centímetro da caixa.

Pegue agora um simples cartão postal, o mais barato e sem graça. Escreva o endereço sem nenhum cuidado especial. Rabisque as novidades que você pretende comunicar. Cole um selo e coloque na mesma caixa. Espere para ver o que acontece! O envelope ornamental e artístico fica inerte, enquanto o sem graça e barato viaja milhares de quilômetros até o destinatário. Assim, seja qual for a singularidade ou importância, o furor ou a atração, o *seva* que você faz pode não gerar fruto algum, se for feito sem um pensamento puro (*chitha*).

Seu anseio por realizar *seva* e seu entusiasmo enquanto o realiza estão resgatando-o do mal. **Deus é a testemunha.** Deus não tem desejo de abençoar, nem raiva que O induza a punir. Você é abençoado ou punido como resultado de seus próprios sentimentos e atos. *Yath bhavam thath bhavathi. A maneira como você pensa ou se comporta, determina o que acontece.*

*Maus atos nunca geram o bem
Bons atos nunca produzem o mal
As sementes de neem¹ nunca darão mangas
As sementes de manga jamais produzem neems*

Assim, um indivíduo pode ser um especialista em muitos campos do “conhecimento” ou um mestre de muitas habilidades materiais e realizações, porém, sem a limpeza interna, seu cérebro é um triste desperdício ou uma enorme pedra sem qualquer traço de amor, compaixão ou grandes virtudes.

Os rituais raramente purificam a consciência do homem

Dos nove passos da prática espiritual (*sadhana*), conforme descritos nos *Bhakthi Sutras* (Escrituras de Devoção), que levam à realização do ser, *dhasyam*, ou a atitude de um servo ao realizar o *seva*, está bem próxima da meta final: é o oitavo passo. O estudo dos textos, a renúncia à riqueza por meio da caridade, a repetição do nome ou o entoar de salmos e hinos podem ser bons exercícios para santificar a mente e evitar que caia nos caminhos do mal e dos arruinantes passatempos, porém raramente purificam a consciência do homem. Em vez disso, esses atos servem, na maioria das vezes, para inflar o ego e instilar o orgulho e um forte desejo competitivo de superioridade. Você pode estar sentado no *salão de bhajans*, cantando em voz alta no coro, mas sua mente está envolta na ansiedade, pensando no par de sandálias que deixou do lado de fora do salão. No fundo da mente, há sempre o medo da perda das sandálias; isso estraga o *bhajan*, tornando-o uma exibição infrutífera.

O seva realizado a um ser em sofrimento alcança o Senhor

A prática espiritual do *seva* é muito distinta. No *seva*, você devota toda sua energia e atenção à tarefa em mãos, pois essa é uma tarefa dedicada. Esquece o corpo e ignora suas exigências. Deixa de lado sua individualidade, seu prestígio e recompensas. Arranca seu ego pelas raízes e o joga fora. Desiste de seu *status*, vaidade, nome, forma e mantém puros todos os seus pensamentos (*chitha*). Seja qual for a tarefa que esteja realizando, renuncie a sua individualidade pessoal e compartilhe com Deus as agonias e os problemas, os frutos e benefícios dessa tarefa. Não precisa trazer Deus de algum lugar fora de você; Ele está em você todo o tempo. Essa verdade deve ser sua própria descoberta pessoal, seu tesouro e sua força. Esse é o grande propósito da Organização de Serviço Altruísta (*sevadhal*). Essa é a razão para o *sevadhal* ocupar um elevado posto na Organização Sathya Sai.

Certa vez, uma pessoa piedosa ia de Kasi (Varanasi) a Rameshwaram, na outra extremidade deste vasto país. Levava água sagrada do Ganges para ser misturada ao mar em Rameshwaram. Seria essa a finalização de sua longa e árdua peregrinação a muitos locais e a muitos rios sagrados. Enquanto estava no meio do caminho, viu, ao lado da estrada, um burro nos seus últimos suspiros de vida, muito incapacitado para mover-se em busca de alguma fonte de água que lhe aplacasse a sede. Sua língua seca e os olhos revirando indicavam a agonia da sede extrema. O peregrino foi tão tocado pela trágica visão que derramou, na garganta do agitado animal, a preciosa água do Ganges que carregava. Momentos depois, o burro recuperou-se e ganhou forças suficientes para soltar-se das garras da morte.

Ao ver isso, o companheiro do peregrino perguntou-lhe: “Mestre! A água sagrada que você trouxe de Kasi para ser oferecida ao oceano de Rameshwaram, por que cometeu esse sacrilégio de derramá-la na boca desse animal desprezível?”

O peregrino retrucou: “Mas eu coloquei a água sagrada no próprio oceano, você não vê?”

Qualquer *seva* realizado a um ser em sofrimento (*jiva*) alcança o Senhor e nunca será um sacrilégio, pois *seva a jiva é seva para Deus (Dheva)* Seja sempre firme nessa crença.

A peça encenada por Shiva e Parvathi

Milhões vão a Kasi como peregrinos. Dizem que aquele que vê Kasi não nascerá de novo. Um dia, em Kailasa (Paraíso), Parvathi perguntou a Shiva: “Senhor, ouvi dizer que todos os que visitam Kasi, onde há um renomado templo para Sua devoção, alcançarão Kailasa e estarão lá em Sua presença. Milhões estão indo a Kasi. Mas esse lugar é suficientemente grande para acomodar a todos?” Shiva respondeu: “Todos os milhões não podem vir a Kailasa. Vou projetar uma peça que esclarecerá a você quem, entre os milhões, poderá vir. Você, também, terá um papel a desempenhar. Faça como eu dirigi-la.”

Parvathi transformou-se numa velha horrorosa de oitenta anos, e Shiva, num velho raquítico de noventa. A velha segurava o velhinho em seu colo, bem à entrada principal do famoso templo de Shiva em Vishweshwara, e implorava, em tons lastimosos, aos peregrinos que passavam a caminho do templo: “Meu marido está com muita sede. Está quase morrendo de sede. Não posso deixá-lo para ir até o Ganges e trazer-lhe água. Algum de vocês pode colocar um pouco d’água em sua garganta e salvar sua vida?”

Não há prece mais frutífera que o seva

Os peregrinos subiam os degraus da margem do rio após seu banho cerimonial no rio sagrado. Suas roupas ainda molhadas escorriam sobre seus corpos. Alguns reclamavam que sua paz era perturbada pela visão do patético casal. “Viemos para ter o *darshan* do Senhor e vejam o que nossos olhos encontram.” Outros peremptoriamente ignoravam seus lamentos e empinavam seus narizes. Alguns diziam: “Esperem! Deixe-nos terminar a devoção dentro do templo e então traremos a água do Ganges para você”. Ninguém se ofereceu para levar a ajuda necessária ao paciente idoso.

Então, um ladrão que corria para roubar os bolsos de alguns no templo, escutou a voz melancólica da velha e parou próximo a eles. Perguntou: “Mãe, qual é o problema?”

Ela respondeu: “Filho, viemos aqui para ter o *darshan* do Senhor Vishweshwara de Kasi, mas meu marido desmaiou por total exaustão. Ele pode sobreviver se alguém trazer um pouco da água do Ganges e despejá-la em sua garganta. Não posso deixá-lo aqui e buscar a água. Por favor, ajude-me e alcance o mérito”.

O ladrão foi tocado pela compaixão. Tinha um pouco da água do Ganges na cabaça que trazia consigo. Ajoelhou-se próximo ao moribundo no colo da velha, mas ela o deteve dizendo: “No momento em que a água do Ganges molhar sua garganta, meu marido pode morrer. Está no último estágio de sua vida. Assim, diga uma palavra de verdade e derrame a água”. O ladrão não conseguiu entender o que ela queria dizer, e ela explicou: “Diga, no ouvido dele, alguma boa ação que você fez em sua vida e então despeje a água em sua boca.”

Isso criou um problema para o ladrão. Ele estava enrascado, simplesmente não podia cumprir o pedido. Disse: “Mãe, na verdade, até este momento ainda não fiz boa ação alguma. Este ato presente, a oferta de água a este homem sedento, é a primeira boa ação pela qual sou responsável.” Dizendo isso, colocou a cabaça nos lábios do velhinho e encheu-lhe a boca.

Nesse exato momento, o casal desapareceu, e, em seu lugar, surgiram Shiva e Parvathi, abençoando o ladrão. Shiva disse: “Filho, a vida é para ser dedicada ao serviço dos outros e não aos interesses exclusivos de si mesmo. Independente de muitas más ações que tenha praticado até agora, em face da oferta altruísta de água do Ganges feita com a verdade em sua língua, abençoamo-lo com essa Visão. Lembre-se de que não há moralidade maior do que a verdade; não há prece mais frutífera do que o seva.

Três estágios na realização de Brahman

Na estrada real para a realização espiritual há três estágios, conforme é citado nas escrituras: *karmajijnasa*, *dharmajijnasa* e *Brahmaj-jnasa*. *Jijnasa* significa uma profunda indagação. Um indivíduo fica apto a inquirir sobre Brahman e a ser bem-sucedido somente quando sua consciência foi bem treinada e moldada pela indagação sobre os modos de atividade e de conduta – *karma* (ação) e *dharma* (retidão) – que esclarecem e purificam. Aquele que sabe discernir antes de engajar-se numa atividade será naturalmente correto em sua conduta e comportamento.

A boa ação irá, automaticamente, levá-lo a um bom *dharma*. Tome o exemplo do *chutney* caseiro de coco. Somente é saboreado após ser ralado e estar pronto. Quando você o prova, descobre se o sal foi adicionado ou não. Então, se você descobre que o sal é insuficiente, ou que não foi colocado, você coloca a quantidade necessária para torná-lo saboroso. Porém você não coloca sal antes de comer um pouquinho. Assim, são três estágios: (i) ralar e fazer o *chutney*, (ii) prová-lo e (iii) adicionar o sal necessário. O preparo é a ação; comê-lo é o *dharma*; e a adição de sal, para torná-lo saboroso e substancioso, é *Brahman*. Agir, dedicar e adorar: esse é o caminho para adquirir uma consciência pura.

Um ato dedicado como oferenda ao Deus residente em todos torna-se tão sagrado quanto o mais elevado *seva*. Devotem-se a tal *seva*. Os Avatares (encarnações divinas) de Deus estão engajados em *seva*, é para isso que surgem os Avatares. Assim, quando você oferece *seva* à humanidade, agradará naturalmente ao Avatar e poderá alcançar a Graça. Essa é uma grandiosa chance que vocês têm como membros da Organização Sathya Sai de Seva (*seva dhal*). Espero que façam bom uso dessa oportunidade. Abençoo-os para que consigam.

¹Neem – árvore originária da Índia, nativa da região de Burna e das zonas áridas do subcontinente indiano e sudoeste asiático. Seus frutos são muito amargos.

Tradução e revisão da Coordenação Nacional de Publicação
Conselho Central do Brasil

Fonte: Coletânea de discursos p/ Conferência Mundial – Sri Sathya Sai World Foundation
Sathya Sai Speaks, vol. 13, capítulo 19 -Bhagavan Sri Sathya Baba